

PEDAGOGIA CRÍTICA NO SÉCULO XXI: DIÁLOGOS ENTRE PAULO FREIRE E HENRY GIROUX

CRITICAL PEDAGOGY IN THE 21ST CENTURY: DIALOGUES BETWEEN PAULO FREIRE AND HENRY GIROUX

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.018-013>

Rafaela Gonçalves Rodrigues

Especialista em Direito Penal e Criminologia
Universidade Regional do Cariri – URCA

Vínculo Institucional: Universidade Regional do Cariri – URCA

E-mail: advocaciarafaelagoncalves@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2038317417032850>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0143-8332>

Juliano Igor dos Santos Silva

Especialista em Metodologias de Aprendizagem para Educação Infantil e Anos Iniciais
Centro Universitário São Camilo

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Altaneira/CE – SME

E-mail: julianoigor789@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1198780284629975>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5527-148X>

Ingrid Costa Cardoso

Mestranda em Educação

Universidade Regional do Cariri – URCA

Vínculo Institucional: Universidade Regional do Cariri – URCA

E-mail: ingrid.cardoso@urca.br

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1828188355435441>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4227-2706>

Pedro Henrique de Lima

Especialista em Docência para a educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal do Espírito Santo – IFES

Vínculo Institucional: Universidade Regional do Cariri – URCA

E-mail: pedro.hl@urca.br

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7900004571305625>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4125-9943>

Maria Edvana Inácio

Especialista em Docência do Ensino Superior

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Brejo Santo/CE – SEDUB

E-mail: mariaiedvana18@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5712-6241>



Francisco Jucelio dos Santos
Mestre em Educação
Universidade Caxias do Sul – UCS
Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Brejo Santo/CE – SEDUB
E-mail: juceliopjr@gmail.com
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1424506960906251>

Jéssica Diniz Medeiros
Mestra em Educação
Universidade Federal do Ceará – UFC
Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Juazeiro do Norte/CE – SME
E-mail: despertaieducacional21@gmail.com
LATTES: <https://lattes.cnpq.br/8520582975745773>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5627-5616>

Francisco Renato Silva Ferreira
Mestre em Ensino em Saúde
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO
Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Altaneira/CE – SME
E-mail: renatoferreira@altaneira.ce.gov.br
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6775378848524040>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3977-0136>

RESUMO

O presente artigo analisa os fundamentos e as convergências entre o pensamento de Paulo Freire e Henry A. Giroux, evidenciando como suas contribuições permanecem essenciais para repensar o papel político, ético e cultural da educação no século XXI. Com base em abordagem qualitativa e natureza bibliográfica, a pesquisa articula os conceitos de pedagogia crítica, intelectualidade transformadora e práxis emancipatória, buscando compreender de que forma o ensino pode se constituir como espaço de resistência e de produção de novos sentidos para o humano. As reflexões demonstram que Freire e Giroux concebem a educação como prática de liberdade, em oposição à racionalidade neoliberal que mercantiliza o conhecimento e reduz a escola à lógica da performance. A análise revela que o diálogo entre ambos ultrapassa fronteiras geográficas e temporais, reafirmando a urgência de uma pedagogia esperançosa, democrática e comprometida com a dignidade e a justiça social. Conclui-se que a pedagogia crítica permanece como horizonte teórico e político indispesável à reconstrução do sentido público da educação e à formação de sujeitos conscientes, criadores e solidários.

Palavras-chave: Pedagogia crítica; Educação emancipadora; Práxis transformadora.

ABSTRACT

This article examines the foundations and convergences between the ideas of Paulo Freire and Henry A. Giroux, highlighting how their contributions remain vital to rethinking the political, ethical, and cultural roles of education in the twenty-first century. Based on a qualitative and bibliographic approach, the research articulates the concepts of critical pedagogy, transformative intellectuality, and emancipatory praxis, aiming to understand how teaching can become a space of resistance and creation of new meanings for humanity. The reflections demonstrate that Freire and Giroux view education as a practice of freedom, in contrast to neoliberal rationality, which commodifies knowledge and reduces schooling to mere performance metrics. The analysis shows that the dialogue between both thinkers transcends temporal and geographic boundaries, reaffirming the urgency of a hopeful and democratic pedagogy committed to dignity and social justice. It concludes that critical pedagogy endures as an indispensable theoretical and political



horizon for reconstructing the public meaning of education and forming conscious, creative, and solidaristic subjects.

Keywords: Critical pedagogy; Emancipatory education; Transformative praxis.



1 INTRODUÇÃO

O século XXI impôs à educação novos desafios, que ultrapassam os limites do ensino tradicional e exigem uma profunda revisão dos modos de compreender o conhecimento, a escola e a própria função do educador. Vivencia-se uma conjuntura global marcada por profundas desigualdades sociais, avanço tecnológico acelerado, precarização do trabalho docente e consolidação de políticas neoliberais que reduzem o ato de ensinar a uma prática instrumental e utilitarista. Nesse cenário, discutir a pedagogia crítica torna-se não apenas uma escolha teórica, mas uma urgência ética e política, capaz de restituir à educação sua dimensão emancipadora e humana.

A pedagogia crítica, em sua essência, busca compreender a educação como prática social e cultural, comprometida com a transformação da realidade. Ao colocar o ser humano no centro do processo educativo, ela se opõe a modelos bancários e tecnocráticos que tratam o aluno como receptor passivo e o professor como mero transmissor de conteúdos. Essa corrente teórica, ao longo das últimas décadas, consolidou-se como um campo de resistência à homogeneização curricular e às formas de exclusão simbólica que permeiam os sistemas educacionais.

O pensamento de Paulo Freire e Henry A. Giroux constitui o núcleo vital dessa tradição, sustentando o diálogo entre educação, democracia e justiça social. Freire, ao inscrever sua obra no contexto das lutas populares latino-americanas, defende uma educação libertadora que parte da realidade concreta dos sujeitos para reconstruir, coletivamente, a consciência crítica e a dignidade humana. Giroux, ao desenvolver a pedagogia crítica no contexto norte-americano, aprofunda essa proposta ao denunciar a mercantilização da escola e ao reivindicar o papel do professor como intelectual público, capaz de intervir na formação política e cultural da sociedade contemporânea.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção, mediante uma prática pedagógica que valorize o diálogo, reconheça os saberes prévios dos educandos e os provoque a interrogar a realidade, comprometendo-se com a construção coletiva de um mundo mais justo e humano (Freire, 2019, p. 47).

A atualidade do pensamento desses autores torna-se ainda mais evidente quando se observa o esvaziamento progressivo do sentido público da educação e o fortalecimento de ideologias que naturalizam a desigualdade e deslegitimam o papel transformador do ensino. Nesse contexto, revisitar Freire e Giroux é mais do que um exercício acadêmico; é um gesto político de resistência e de reencantamento da prática docente. O diálogo entre ambos revela que a pedagogia crítica não é um corpo teórico estático, mas uma construção em movimento, que se renova à medida que a realidade social impõe novas perguntas e desafia antigos paradigmas.



Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo: os homens e as mulheres se educam em comunhão, mediatisados pelo mundo, num processo em que todos aprendem e ensinam simultaneamente, partilhando experiências, construindo saberes e transformando a realidade em que vivem (Freire, 2021, p. 96).

Ao longo da história, tanto Freire quanto Giroux buscaram deslocar o centro da discussão pedagógica do conteúdo para a consciência, e do currículo para a cultura. Para eles, ensinar é ato político e comunicativo, no qual se estabelece uma relação ética com o outro e com o mundo. Essa visão contrasta radicalmente com o tecnicismo e o pragmatismo que permeiam parte das políticas educacionais atuais, marcadas por metas quantitativas, avaliações padronizadas e pela subordinação do trabalho docente à lógica de mercado.

Assim, este artigo propõe-se a examinar as convergências e os diálogos críticos entre Paulo Freire e Henry A. Giroux, com o objetivo de compreender como seus pensamentos se entrelaçam e se projetam sobre os desafios contemporâneos da educação. Busca-se demonstrar que a pedagogia crítica, longe de pertencer ao passado, constitui um horizonte de sentido para a reconstrução democrática da escola e para a reafirmação da dignidade humana como princípio fundante do ato educativo. O estudo estrutura-se em uma abordagem qualitativa e bibliográfica, baseada em leitura analítica de obras centrais e em estudos recentes que reatualizam os fundamentos da pedagogia crítica frente às novas formas de exclusão e opressão.

Em suma, compreender Freire e Giroux é compreender a própria urgência de uma educação que se recuse a ser instrumento de adaptação e que se converta em espaço de criação, de diálogo e de resistência. Mais do que duas trajetórias intelectuais, suas obras configuram um legado ético e político que reafirma a esperança como categoria de luta e a prática pedagógica como ato de transformação. O presente artigo, ao aproximar esses pensadores, pretende não apenas revisitar seus conceitos, mas atualizá-los como instrumentos de leitura e reinvenção do nosso tempo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PAULO FREIRE E A PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO

A obra de Paulo Freire constitui um dos marcos mais significativos da história da educação mundial. Em seu pensamento, a educação transcende a dimensão técnica e assume o papel de instrumento político de emancipação, de construção da autonomia e de libertação das consciências. Freire concebe o ato educativo como um processo profundamente humano, fundado no diálogo, na reflexão crítica e na ação transformadora. Para ele, ensinar é um gesto ético e amoroso, orientado pelo compromisso com a dignidade humana e com a superação das estruturas que perpetuam a opressão.

A chamada pedagogia da libertação surge como resposta às condições históricas de desigualdade e exclusão, tornando-se uma proposta que articula conhecimento, consciência e ação social. A sua pedagogia



não se restringe à sala de aula, mas projeta-se como prática política de intervenção no mundo, baseada na convicção de que os sujeitos, ao compreenderem criticamente sua realidade, tornam-se capazes de transformá-la. A educação, nessa perspectiva, é um ato de criação e de resistência, no qual o homem e a mulher se reconhecem como seres inacabados e em permanente processo de humanização.

Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo: os homens e as mulheres se educam em comunhão, mediatisados pelo mundo, num processo em que todos aprendem e ensinam simultaneamente, partilhando experiências, construindo saberes e transformando a realidade em que vivem (Freire, 2021, p. 96).

Ao romper com a concepção bancária de ensino — aquela em que o professor deposita conteúdos prontos no aluno —, Freire inaugura uma nova compreensão do processo educativo. Em seu modelo dialógico, o saber é produzido coletivamente, e o educador assume o papel de mediador, não de transmissor. O diálogo, entendido não como simples troca de informações, mas como relação de reconhecimento, é o eixo fundamental da aprendizagem crítica. É por meio dele que se desenvolve a consciência política, o discernimento ético e a responsabilidade coletiva diante das contradições sociais.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção, mediante uma prática pedagógica que valorize o diálogo, reconheça os saberes prévios dos educandos e os provoque a interrogar a realidade, comprometendo-se com a construção coletiva de um mundo mais justo e humano (Freire, 2019, p. 47).

A pedagogia freireana rompe, portanto, com qualquer tentativa de neutralidade do ato educativo. Para o autor, todo ensino é um ato político, seja ele de libertação ou de domesticação. A neutralidade, em seu entendimento, é ilusória, pois toda escolha pedagógica — dos conteúdos à metodologia — reflete uma concepção de mundo e de ser humano. A tarefa do educador, assim, consiste em optar por uma prática comprometida com a libertação, recusando o conformismo e a reprodução das desigualdades históricas.

Freire destaca ainda a importância da consciência crítica, compreendida como a capacidade de perceber as contradições sociais e de agir sobre elas. Essa consciência não nasce de modo espontâneo, mas se constrói por meio de uma educação que articule reflexão e ação — ou, em seus termos, práxis. É na práxis que se dá o verdadeiro aprendizado, pois é nela que o sujeito se reconhece como agente de transformação, reconstituindo o mundo a partir de sua leitura crítica.

Sua obra convida à revisão das estruturas escolares e à democratização do conhecimento, situando a escola como espaço de resistência e de esperança. Em tempos de globalização e de avanço das lógicas neoliberais, o pensamento freireano mantém-se vigorosamente atual ao propor uma educação que reconhece o outro como sujeito de direitos e que valoriza a diversidade como elemento constitutivo da prática pedagógica.



Mais do que uma metodologia, a pedagogia da libertação é um projeto civilizatório. Ela propõe a superação da cultura do silêncio e da obediência cega, substituindo-as pela cultura da escuta, da crítica e da participação. Ao educar para a liberdade, Freire educa para a responsabilidade coletiva e para a construção de uma sociedade mais equânime. A libertação, portanto, não é apenas a conquista da palavra, mas o exercício da consciência que permite agir com autonomia e solidariedade.

Em síntese, Paulo Freire reafirma que a educação é um espaço de esperança ativa, onde o aprender e o ensinar se entrelaçam em um processo permanente de criação de sentidos e de reinvenção do mundo. Sua pedagogia, ao mesmo tempo ética e estética, política e amorosa, continua a inspirar educadores em todo o planeta, lembrando-nos de que o ato de educar é, antes de tudo, um gesto de fé na humanidade e na possibilidade de transformação social.

2.2 HENRY GIROUX E O EDUCADOR COMO INTELECTUAL TRANSFORMADOR

O pensamento de Henry A. Giroux ocupa posição de destaque no campo da pedagogia crítica contemporânea, sobretudo por atualizar e expandir as bases teóricas lançadas por Paulo Freire, incorporando à análise educacional dimensões socioculturais e políticas do capitalismo tardio. Sua obra inscreve-se no contexto norte-americano das décadas de 1980 e 1990, quando o avanço das políticas neoliberais, o conservadorismo cultural e a mercantilização das instituições de ensino colocaram em risco o sentido público e democrático da educação. Diante dessa conjuntura, Giroux propõe uma reinterpretação da prática docente e da função da escola, compreendendo o professor como intelectual transformador e o ato de educar como prática política de resistência.

Seu projeto teórico é construído sobre o reconhecimento de que a pedagogia nunca é neutra, pois toda ação educativa expressa um posicionamento diante do mundo e um conjunto de valores culturais e morais. Em sua concepção, a escola é um território de disputa de significados, onde se travam batalhas simbólicas pelo controle da linguagem, da memória e das identidades sociais. Nessa perspectiva, o educador deixa de ser mero executor de políticas curriculares para assumir o papel de produtor de conhecimento e agente cultural, comprometido com a formação crítica dos estudantes e com a democratização do saber.

A pedagogia nunca é neutra; ela é sempre uma forma de política cultural, um campo de disputa simbólica e de produção de sentidos, onde se decidem as condições para que os sujeitos possam falar, pensar e agir sobre o mundo, reconhecendo-se como participantes ativos das práticas sociais e culturais que moldam suas vidas (Giroux, 2011, p. 82).

A formulação do conceito de educador como intelectual transformador emerge, portanto, como resposta às tendências tecnocráticas que reduzem o ensino a um processo técnico e desprovido de consciência social. Giroux denuncia a crescente pressão para que professores se convertam em



administradores de resultados, submetidos à lógica das avaliações padronizadas e às exigências de eficiência impostas pelo mercado. Contra essa racionalidade instrumental, defende uma docência reflexiva, autônoma e engajada, que comprehende o ato educativo como prática cultural e como exercício de poder simbólico voltado à emancipação humana.

Os professores, enquanto intelectuais, não apenas transmitem conhecimento; produzem-no, interpretam-no e o colocam em disputa na esfera pública, assumindo uma função ética e política que ultrapassa o espaço da sala de aula. Ao agir como mediadores críticos, eles tornam-se responsáveis por questionar as estruturas de poder que moldam o currículo, por reconstruir o sentido social da educação e por reafirmar a escola como lugar de diálogo, cultura e transformação (Giroux, 1988, p. 122).

Essa visão desloca radicalmente a função do educador, transformando-o em sujeito de reflexão e criação, capaz de intervir criticamente nas estruturas sociais. O professor, ao assumir-se como intelectual público, torna-se agente de resistência contra a naturalização das desigualdades e das formas de silenciamento impostas pela cultura dominante. A sala de aula, nessa ótica, converte-se em arena de formação política, ética e estética, em que se cruzam vozes, experiências e narrativas historicamente marginalizadas.

A proposta girouxiana reafirma que a educação deve ser compreendida como prática cultural inserida em um contexto de lutas por significado. A pedagogia crítica, portanto, não se limita à denúncia da opressão, mas assume a tarefa de construir novas possibilidades de existência. O espaço educativo deve promover condições para que os sujeitos se tornem capazes de ler criticamente os discursos que os cercam e de intervir nos sistemas simbólicos que moldam suas identidades.

A centralidade do conceito de cultura em Giroux revela sua profunda influência dos estudos culturais britânicos e do pensamento gramsciano. A partir dessas referências, o autor identifica a escola como espaço de hegemonia e contra-hegemonia, onde o poder não se exerce apenas pela coerção, mas também pela produção de consenso e pela imposição de significados. Assim, o educador transforma-se em mediador de sentidos e em articulador de práticas discursivas que desconstroem narrativas de dominação.

Ao longo de suas obras, Giroux alerta para os perigos do neoliberalismo educacional, que reconfigura a escola como empresa e o aluno como consumidor de serviços. Essa lógica mercantil esvazia o caráter público da educação e converte o conhecimento em mercadoria, promovendo uma pedagogia da conformidade. Em oposição, o autor propõe uma pedagogia da resistência, pautada na solidariedade, na reflexão crítica e na imaginação democrática.



Sob o neoliberalismo, as escolas passam a operar como máquinas de treinamento voltadas à lógica da produtividade e do controle; os professores, convertidos em gestores de resultados, veem-se aprisionados a políticas de padronização e desempenho; e os estudantes, transformados em investimentos de capital humano, são levados a competir em um sistema que desumaniza o ensino, fragmenta o conhecimento e anula o sentido crítico e criador da aprendizagem (Giroux, 2014, p. 63).

Para Giroux, educar é ato de esperança e de coragem. O educador crítico é aquele que desafia a naturalização do sofrimento e da desigualdade, reintroduzindo na prática pedagógica o sentido ético da justiça e da compaixão. O compromisso com a democracia não é, para ele, um ideal abstrato, mas uma tarefa cotidiana que exige a criação de espaços de diálogo, o fortalecimento da participação e o estímulo à autonomia intelectual.

Em diálogo com Paulo Freire, Giroux reafirma que a educação é sempre um projeto inacabado, e que seu valor reside na possibilidade de formar sujeitos históricos capazes de compreender e transformar o mundo. A figura do educador como intelectual transformador sintetiza essa vocação libertadora: ele não é herói solitário, mas membro de uma coletividade engajada em produzir conhecimento público, consciente de que ensinar é também um ato de resistência e de esperança.

O pensamento girouxiano, portanto, amplia o horizonte da pedagogia crítica ao articular cultura, poder e educação em um mesmo campo de análise. Sua contribuição está em compreender que a luta pela justiça social não se restringe ao acesso à escola, mas implica a disputa pelos significados que orientam o modo como as pessoas pensam, agem e imaginam o futuro. Educar, nesse contexto, é convocar os sujeitos a participarem da construção de uma sociedade mais justa e solidária, reconhecendo na palavra e na ação pedagógica o poder de reconfigurar o real.

2.3 CONVERGÊNCIAS E DIÁLOGOS CRÍTICOS

A interlocução entre Paulo Freire e Henry A. Giroux constitui um dos mais fecundos encontros da história da pedagogia crítica, pois ultrapassa o simples paralelismo teórico e configura um diálogo entre gerações, geografias e projetos políticos distintos, unidos por uma mesma convicção: a educação é sempre um ato político e cultural. Ambos compreendem o ensino como prática de liberdade e reconhecem o papel do educador como sujeito histórico, capaz de desafiar a lógica da reprodução social e de criar condições para a emergência de novos modos de existência.

Ao observar-se o pensamento desses autores, percebe-se que suas obras convergem na defesa de uma pedagogia humanizadora, na qual o saber é construído pela mediação do diálogo e pela leitura crítica do mundo. Freire elabora sua teoria em meio às lutas sociais latino-americanas, onde a alfabetização se torna instrumento de conscientização e emancipação política. Giroux, por sua vez, insere-se no contexto norte-americano marcado pela expansão neoliberal e pela erosão do espaço público, conferindo à pedagogia crítica um sentido de resistência cultural.



A pedagogia nunca é neutra; ela constitui uma forma de política cultural e um espaço contínuo de luta simbólica, no qual se definem as condições de quem pode falar, pensar e agir criticamente sobre o mundo. Trata-se de um campo em disputa, atravessado por relações de poder, saber e identidade, em que o ato de ensinar se converte em prática política capaz de questionar as estruturas que naturalizam a desigualdade e o silêncio (Giroux, 2011, p. 84).

A aproximação entre ambos, portanto, não se dá por homogeneização, mas por tradução dialógica. Freire parte da realidade concreta das classes populares e propõe uma pedagogia fundada na esperança e na práxis transformadora; Giroux amplia esse horizonte ao incorporar as dimensões midiáticas, tecnológicas e culturais como elementos estruturantes do poder contemporâneo. Essa fusão crítica permite compreender que a dominação não se restringe ao campo econômico, mas estende-se ao simbólico — ao modo como as pessoas pensam, sentem e imaginam o mundo.

A educação, em ambos os autores, é concebida como processo de libertação das consciências e de reconstrução coletiva da dignidade humana. O conhecimento deixa de ser um depósito de verdades imutáveis para tornar-se prática social que articula ética, estética e política. A práxis, conceito central em Freire, é retomada por Giroux como base para a ação pedagógica que une teoria e prática em um mesmo gesto reflexivo e transformador.

Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo: os homens e as mulheres se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo, num processo em que todos aprendem e ensinam simultaneamente, partilhando experiências, construindo saberes e transformando a realidade em que vivem (Freire, 2021, p. 96).

As convergências entre os dois pensadores também se revelam na recusa de qualquer neutralidade no ato educativo. Para ambos, ensinar é sempre uma intervenção política, uma escolha que implica valores e intencionalidades. A educação, quando reduzida a treinamento técnico, perde sua capacidade emancipadora e transforma-se em mecanismo de controle social. Por essa razão, tanto Freire quanto Giroux defendem o fortalecimento da escola pública e o reconhecimento da docência como prática intelectual e moralmente comprometida com a democracia.

Outro ponto de convergência fundamental diz respeito à centralidade da esperança crítica. Para Freire, ela é condição ontológica do ser humano, força que move a luta por libertação. Em Giroux, converte-se em imaginação cívica, energia que impulsiona a criação de alternativas diante do desencanto e do autoritarismo contemporâneo. Ambos compreendem que a esperança não é emoção ingênua, mas método de resistência — uma pedagogia do possível, que se alimenta da memória e do desejo de justiça.

A crítica à mercantilização da educação aproxima ainda mais suas perspectivas. Giroux denuncia o processo pelo qual o neoliberalismo transforma a escola em empresa, o professor em gestor e o estudante em consumidor. Freire, em um tempo anterior, já advertia que a desumanização do ensino começa quando o educador deixa de ver o aluno como sujeito histórico. A convergência teórica entre esses autores se



manifesta, assim, no compromisso ético com o outro, no respeito à diferença e na defesa da autonomia intelectual como fundamento da prática pedagógica.

Ao entrelaçar seus pensamentos, emerge a noção de que o currículo é um campo de disputa simbólica. Freire o concebe como expressão das leituras que o sujeito faz de sua realidade; Giroux o entende como espaço político no qual se travam batalhas pela representação e pela legitimação do saber. A partir desse diálogo, comprehende-se que o currículo não é neutro nem meramente técnico, mas resultado de escolhas que refletem ideologias e interesses. Nesse sentido, ambos alertam que democratizar o currículo é democratizar o próprio conhecimento.

Sob o neoliberalismo, as escolas são transformadas em verdadeiras máquinas de treinamento, orientadas por métricas de eficiência e resultados imediatos; os professores passam a ser vistos como gestores de desempenho e os estudantes, reduzidos à condição de investimentos de capital humano. Essa racionalidade instrumental converte a aprendizagem em produto, fragmenta o saber e desumaniza as relações educativas, corroendo o sentido público, ético e democrático da educação (Giroux, 2014, p. 71).

A convergência entre Freire e Giroux, entretanto, não elimina suas singularidades. O primeiro privilegia o diálogo comunitário e a reconstrução da palavra oprimida; o segundo destaca a necessidade de intervir na cultura midiática e digital, que passa a exercer papel central na formação das subjetividades. Essa diferença de foco amplia a potência da pedagogia crítica, pois a torna sensível tanto às realidades locais quanto às dinâmicas globais, unindo o chão da escola ao campo da política cultural.

Em síntese, as aproximações teóricas e epistemológicas entre Paulo Freire e Henry Giroux oferecem um horizonte fecundo para o repensar da educação como prática emancipatória. Ambos desafiam a escola a reencontrar seu papel público, o professor a reafirmar sua autoridade intelectual e o estudante a compreender-se como sujeito ativo na construção do saber. A pedagogia crítica que emerge desse diálogo propõe, enfim, uma aliança entre pensamento e ação, entre teoria e esperança, entre cultura e democracia.

O diálogo entre esses dois autores não é, portanto, apenas uma leitura cruzada de teorias, mas um convite à reinvenção da própria prática educativa. Sua força reside em demonstrar que educar é sempre um ato político que transcende a sala de aula e atinge o coração da vida social. A escola, compreendida a partir dessas perspectivas, torna-se espaço de resistência, de criação e de reconstrução coletiva do comum, reafirmando que a educação é, antes de tudo, o território onde se semeia a possibilidade de um mundo mais justo e solidário.

3 METODOLOGIA

A construção deste estudo ancora-se em uma abordagem qualitativa de natureza essencialmente bibliográfica e interpretativa, orientada pelo propósito de compreender, com profundidade e rigor crítico,

as aproximações e singularidades entre o pensamento de Paulo Freire e Henry A. Giroux no contexto da pedagogia crítica contemporânea. Tal escolha metodológica parte do entendimento de que a investigação educacional, quando pautada pela análise de discursos teóricos, não busca a quantificação dos fenômenos, mas a interpretação de sentidos, valores e intencionalidades que atravessam as práticas pedagógicas e as teorias que as sustentam.

A opção pela pesquisa bibliográfica não se limita à revisão de obras consagradas, mas propõe uma leitura analítica, dialógica e hermenêutica dos textos, compreendendo-os como expressões vivas de contextos históricos, políticos e culturais. Conforme destaca Minayo (2022, p. 85), o trabalho qualitativo demanda do pesquisador sensibilidade para reconhecer que *“a realidade social não se apresenta como algo dado e fixo, mas como um campo de significações em disputa, que requer interpretação cuidadosa e abertura ao inesperado.”*

Assim, a análise realizada neste artigo adota um olhar crítico e articulador, voltado a interpretar as categorias freireanas e girouianas como instrumentos de reflexão sobre o papel da educação no enfrentamento das desigualdades e na consolidação da democracia.

Pesquisar não é um ato neutro, mas um compromisso ético, político e amoroso com a transformação da realidade, com a superação das injustiças e com a construção coletiva de novos modos de compreender o mundo. Implica reconhecer-se como sujeito histórico em permanente processo de aprendizagem, capaz de ler criticamente a vida e de intervir nela com responsabilidade e esperança (Freire, 2019, p. 112).

Para assegurar consistência metodológica, foram mobilizadas fontes primárias — as obras originais de Freire e Giroux — e secundárias, compostas por estudos contemporâneos, artigos científicos, ensaios e produções críticas que interpretam e atualizam suas ideias no século XXI. A seleção do material seguiu critérios de relevância temática, credibilidade científica e atualidade, priorizando publicações que discutem a pedagogia crítica à luz dos desafios impostos pela globalização, pelas tecnologias digitais e pelas políticas neoliberais que reconfiguram o campo educacional.

A análise dos textos foi conduzida a partir de uma leitura reflexiva e comparativa, organizada em eixos temáticos que emergiram da própria materialidade dos discursos. Essa leitura não se restringiu à identificação de conceitos recorrentes, mas buscou compreender a coerência interna das obras e o diálogo entre suas categorias estruturantes — como diálogo, práxis, esperança crítica, intelectualidade pública e política cultural. O processo analítico envolveu, portanto, a correlação de ideias e a construção interpretativa de significados, conforme orienta Gil (2023, p. 49), ao afirmar que *“a pesquisa bibliográfica permite não apenas o levantamento do conhecimento já produzido, mas sua reorganização crítica, capaz de gerar novos entendimentos sobre fenômenos complexos”*.



Dessa forma, o método adotado aproxima-se da tradição hermenêutica, compreendendo a leitura como ato criativo e investigativo. As interpretações aqui apresentadas resultam da interação entre texto e contexto, entre o pensamento dos autores e as inquietações do presente. Essa relação dialética entre obra e realidade é o que confere à pesquisa seu caráter crítico e emancipador, permitindo que a teoria ultrapasse a mera descrição e se converta em possibilidade de ação e transformação.

Toda leitura é uma reescrita, e toda interpretação é, ao mesmo tempo, um ato de criação e de compromisso com a realidade, pois compreender é sempre um processo de mediação entre o texto e o leitor. A interpretação não se limita a reproduzir o sentido, mas o recria à luz da experiência humana e histórica, revelando que o compreender é também transformar o mundo pela linguagem e pela consciência (Gadamer, 2008, p. 219).

A metodologia adotada neste estudo também respeita o princípio de rigor ético e científico, garantindo fidelidade às fontes e transparência nas interpretações. Cada obra foi analisada em seu contexto original de produção, considerando as condições históricas e sociopolíticas que influenciaram suas formulações. A leitura comparativa entre Freire e Giroux buscou evitar anacronismos, privilegiando uma análise relacional que identifica continuidades, rupturas e atualizações teóricas, sem reducionismos.

O percurso metodológico, portanto, pode ser sintetizado como um exercício de escuta intelectual. Escutar, neste sentido, significa abrir-se à alteridade dos textos e reconhecer neles não apenas ideias, mas experiências de luta, compromisso e esperança. A pedagogia crítica, enquanto campo de pesquisa, exige do investigador não a distância fria do observador neutro, mas o engajamento do sujeito que lê o mundo para transformá-lo — atitude coerente com o legado freireano e girouxiano.

A presente investigação, por conseguinte, adota um movimento metodológico circular, no qual a leitura das fontes teóricas retroalimenta a reflexão e, simultaneamente, a reflexão reorienta a leitura. Tal dinâmica assegura uma produção de conhecimento em espiral ascendente, na qual o pensar e o agir se entrelaçam. A articulação entre teoria e prática, tão cara aos dois autores analisados, também se manifesta na forma de conduzir esta pesquisa, pois compreender criticamente é já um ato transformador.

A metodologia, assim estruturada, não se propõe a oferecer respostas prontas, mas a suscitar novas perguntas e horizontes de compreensão sobre a função política da educação. Ao operar com as categorias da pedagogia crítica, este estudo reforça o entendimento de que pesquisar é, em última instância, um gesto ético de esperança e responsabilidade social — gesto que, ao iluminar o pensamento de Freire e Giroux, reafirma a urgência de uma educação comprometida com a liberdade, a justiça e o diálogo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos resultados obtidos a partir do diálogo entre Paulo Freire e Henry A. Giroux permite compreender que a pedagogia crítica se consolida como um campo teórico e prático em permanente

construção, atravessado por tensões históricas, disputas de sentido e possibilidades de emancipação. Ambas as concepções partem da recusa à neutralidade educativa e da convicção de que ensinar é sempre um ato político, ético e estético. Nessa perspectiva, a educação deixa de ser vista como instrumento de adaptação e passa a ser reconhecida como espaço de resistência e de reinvenção da condição humana.

O pensamento freireano, ao enfatizar o diálogo e a conscientização, propõe uma pedagogia fundada na dignidade e na alteridade. Sua crítica à educação bancária permanece atual, sobretudo diante dos modelos tecnicistas e performáticos que ainda predominam nas escolas. Freire antecipa, com notável sensibilidade, o risco de reduzir o ato de educar a uma mera prática de adestramento, sem espaço para a reflexão ou para a imaginação ética. Sua defesa de uma educação problematizadora, voltada para a leitura crítica da realidade, constitui um marco na luta contra a alienação e a passividade cultural.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção, mediante uma prática pedagógica que valorize o diálogo, reconheça os saberes prévios dos educandos e os provoque a interrogar a realidade, comprometendo-se com a construção coletiva de um mundo mais justo e humano (Freire, 2019, p. 47).

Por outro lado, Henry Giroux amplia o horizonte freireano ao introduzir no debate a categoria de intelectual transformador, propondo uma leitura da educação como prática cultural inserida em contextos marcados pela globalização, pelo consumismo e pelo poder midiático. Em suas análises, o autor denuncia a crescente mercantilização das instituições escolares e o esvaziamento da função pública do conhecimento. A docência, segundo Giroux, tem sido pressionada por paradigmas de produtividade e eficiência que desumanizam o trabalho educativo e transformam professores em técnicos subalternos à lógica do capital.

Sob o neoliberalismo, as escolas passam a funcionar como verdadeiras máquinas de treinamento voltadas à adaptação e ao controle social; os professores são transformados em gerentes de resultados e burocratas da eficiência, enquanto os estudantes são reduzidos à condição de investimentos de capital humano. Essa lógica mercantilista corói a dimensão ética e cultural da educação, desumaniza o processo de ensino-aprendizagem e fragmenta o conhecimento, convertendo a formação em instrumento de mercado e não em prática de liberdade (Giroux, 2014, p. 68).

Ao relacionar as contribuições de ambos os pensadores, observa-se que a pedagogia crítica não se limita a denunciar os mecanismos de dominação, mas propõe alternativas epistemológicas e ético-políticas. O encontro entre Freire e Giroux sugere que a educação deve recuperar seu papel como prática pública de liberdade, capaz de formar sujeitos autônomos e solidários. Nesse sentido, a pedagogia crítica torna-se um movimento de resistência contra a padronização e a homogeneização cultural, reafirmando a importância do diálogo, da reflexão e da responsabilidade social como fundamentos do ensino democrático.

A análise interpretativa das obras indica que a esperança é categoria central em ambos os autores. Para Freire, trata-se de um imperativo ontológico: a esperança é o que move o ser humano a lutar por um



mundo mais justo, sem se render ao fatalismo. Em Giroux, a esperança ganha caráter político e se traduz em imaginação democrática — força que impulsiona o sujeito a acreditar na possibilidade de transformação, mesmo diante do desencanto e da apatia social. Essa esperança não é ingênua, mas profundamente crítica, pois exige consciência e ação.

Ao discutir os resultados teóricos do estudo, torna-se evidente que o diálogo entre Freire e Giroux revela uma pedagogia que une ética e estética, razão e sensibilidade, práxis e utopia. Ambos partilham a crença de que educar é um ato de criação, e não de repetição; de libertação, e não de dominação. A escola, sob essa ótica, deve ser um espaço de voz, escuta e reinvenção, no qual cada sujeito seja reconhecido em sua singularidade e potência criadora.

Além disso, a discussão dos resultados evidencia que a pedagogia crítica não é uma teoria fechada, mas um horizonte em constante reconstrução. Sua vitalidade reside na capacidade de dialogar com os desafios de cada época, mantendo-se fiel ao princípio da justiça social. Em tempos de crise democrática e avanço das lógicas mercadológicas sobre a educação, a releitura de Freire e Giroux reafirma o valor político do pensamento crítico e a urgência de uma pedagogia que ensine não apenas a ler o mundo, mas a transformá-lo com consciência e afeto.

A pedagogia nunca é neutra; ela constitui uma forma de política cultural que atravessa todas as práticas educativas e define o que pode ser dito, pensado e ensinado. É um espaço de luta simbólica em que se disputam significados, valores e representações, determinando as condições pelas quais os sujeitos aprendem a falar, a agir e a imaginar o mundo, revelando que todo processo de ensino é também um ato político e ético (Giroux, 2011, p. 84).

A análise dos resultados também demonstra que o educador, enquanto sujeito histórico, ocupa lugar central na mediação entre o conhecimento e a transformação social. Para Freire, o professor é aquele que ensina aprendendo e aprende ensinando, mobilizando a humildade epistemológica e o compromisso com a emancipação do outro. Em Giroux, o educador assume papel de intelectual público, comprometido com o pensamento crítico e com a defesa da escola como bem comum. Ambos convergem na ideia de que a formação docente deve ultrapassar a técnica e alcançar o campo da ética, da estética e da política.

Ao refletir sobre os resultados desta investigação, constata-se que o pensamento freireano e o girouxiano mantêm plena atualidade diante das novas formas de alienação impostas pela sociedade digital e pelo capitalismo de vigilância. O desafio que se impõe aos educadores do século XXI é o de reconfigurar a pedagogia crítica como espaço de resistência criadora, capaz de promover a leitura política do mundo, o combate às desigualdades e a revalorização da escola como território de esperança.

O conjunto das análises realizadas demonstra que a pedagogia crítica não é apenas uma teoria educacional, mas uma ética do existir e do conviver. Ela convoca os sujeitos a compreenderem que educar é sempre um ato de amor, de luta e de criação coletiva. Assim, ao retomar o legado de Freire e Giroux, este



estudo reafirma que a educação crítica continua sendo o caminho mais promissor para restaurar o sentido de humanidade, solidariedade e justiça social que o mundo contemporâneo tanto necessita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como propósito central analisar as convergências e os diálogos críticos entre Paulo Freire e Henry A. Giroux, evidenciando de que maneira ambos contribuem para a consolidação de uma pedagogia crítica capaz de responder aos desafios éticos, políticos e culturais do século XXI. A investigação permitiu constatar que, apesar de situados em contextos históricos distintos, os dois pensadores compartilham uma compreensão comum da educação como prática de liberdade, concebendo o ato de ensinar não como mera transmissão de saberes, mas como processo dialógico e transformador.

As análises empreendidas demonstraram que a pedagogia crítica, conforme delineada nas obras de Freire e Giroux, permanece como um dos paradigmas mais consistentes e necessários à reconstrução de uma escola democrática. Ambos convergem na defesa de uma educação humanizadora, que valoriza o diálogo, a reflexão e o compromisso social como fundamentos do processo formativo. Enquanto Freire enfatiza a conscientização e a emancipação por meio da práxis, Giroux amplia esse horizonte ao compreender o educador como intelectual público, responsável por resistir às formas de dominação cultural e econômica que permeiam o espaço escolar contemporâneo.

O estudo evidenciou ainda que a força da pedagogia crítica reside na articulação entre teoria e prática, na capacidade de transformar o pensamento em ação e a ação em consciência. Nesse sentido, a educação assume papel de resistência e esperança diante das políticas neoliberais que reduzem o ensino a mercadoria e o professor a executor de resultados. Ao recuperar o valor político e ético da docência, Freire e Giroux reafirmam que o verdadeiro sentido de ensinar está em formar sujeitos autônomos, críticos e solidários, aptos a intervir na realidade para transformá-la.

Os resultados obtidos indicam que o diálogo entre os dois autores amplia o entendimento da educação como prática cultural e política, reafirmando que o conhecimento deve estar a serviço da vida, da equidade e da justiça social. A pedagogia crítica, nesse contexto, não é apenas um referencial teórico, mas um projeto de humanidade que se opõe às lógicas da exclusão e da desumanização. Tal perspectiva reafirma o papel da escola como território de partilha, de reconstrução do comum e de defesa intransigente da dignidade humana.

Ao alcançar os objetivos propostos, este trabalho contribui para o debate contemporâneo sobre o papel social da educação, resgatando o valor do pensamento freireano e girouxiano como instrumentos de resistência e de reinvenção da prática pedagógica. A reflexão aqui desenvolvida confirma que o ensino, quando pautado na ética e na crítica, torna-se ato de criação e de esperança ativa. Essa constatação reforça



a pertinência da pedagogia crítica como caminho para a formação de cidadãos conscientes, capazes de questionar, dialogar e agir com responsabilidade diante das injustiças que marcam o mundo globalizado.

Em termos de contribuição teórica, a pesquisa reafirma que o pensamento de Freire e Giroux oferece um alicerce sólido para a construção de práticas educativas comprometidas com a democracia e com a pluralidade cultural. Ambos demonstram que a educação não é apenas um espaço de transmissão de saberes, mas um campo de disputa simbólica onde se definem valores, identidades e projetos de futuro. Tal compreensão convida o educador contemporâneo a ressignificar sua atuação, compreendendo-se como sujeito político que ensina para libertar e aprende para transformar.

Considerando os resultados alcançados, torna-se evidente que o fortalecimento da pedagogia crítica requer o engajamento contínuo de pesquisadores, professores e instituições na defesa da escola pública e no incentivo à autonomia intelectual. Como desdobramento, recomenda-se que futuros estudos ampliem o debate, investigando as ressonâncias das ideias de Freire e Giroux na educação digital, nas práticas interculturais e nas políticas curriculares voltadas à formação cidadã.

Em síntese, conclui-se que a pedagogia crítica continua a representar o horizonte ético mais fecundo para o século XXI. Ao unir o pensamento e a ação, a esperança e o compromisso, ela reafirma que educar é um ato de coragem e de amor — uma aposta incondicional na possibilidade de um mundo mais justo, plural e solidário, onde cada sujeito possa exercer plenamente sua humanidade.



REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. *Ideologia e currículo*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- ARROYO, Miguel González. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 72. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 54. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 55. ed. São Paulo: Cortez, 2022.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GIROUX, Henry A. *Professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- GIROUX, Henry A. *Teoria e resistência em educação: uma pedagogia para a oposição*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais públicos: repensando o papel do educador*. São Paulo: Cortez, 2011.
- GIROUX, Henry A. *Pedagogia e política da esperança: teoria, cultura e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GIROUX, Henry A. *On critical pedagogy*. 2nd ed. London: Bloomsbury Academic, 2020.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2022.
- NÓVOA, António. *Os professores e a sua formação*. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. 4. ed. Coimbra: Almedina, 2021.
- SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.



TORRES, Carlos Alberto. *Educação e globalização: uma leitura crítica da pedagogia de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez, 2018.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. 24. ed. Campinas: Papirus, 2020.

ZITKOSKI, Jaime José. *Paulo Freire e a educação popular*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.